

Incertezas sobre reformas derrubam bolsas

Ibovespa caiu 2,7% e o IBV, 4,26%, após a morte dos principais coordenadores políticos do governo

MARCIA PINHEIRO
e SUELI CAMPO

As bolsas de valores caíram ontem com a incerteza quanto ao futuro político do País no curto prazo. O Ibovespa recuou 2,7%, com giro de R\$ 746 milhões, e o índice futuro recuou 2,99% na BM&F. No Rio, o IBV desvalorizou-se 4,26%.

O mercado não conseguiu superar o impacto da morte inesperada do líder do governo, Luís Eduardo Magalhães, menos de 48 horas depois do falecimento de Sérgio Motta, outro homem-forte de Fernando Henrique Cardoso. A dupla perda trouxe apreensões e, embalados pelo clima de consternação política, os investidores realizaram lucros.

Das 51 ações que compõem o Ibovespa, somente oito encontraram mais compradores que vendedores. O movimento de queda foi generalizado e os investidores estrangeiros retraíram-se, à espera de mais informações sobre a estabilidade no Brasil.

O mercado de renda fixa reagiu ao falecimento de Luís Eduardo com volume fraco de negócios, juros futuros em ligeira alta e comportamento discreto, sem reação tão forte quanto a das bolsas. Do choque da notícia inesperada, profissionais e investidores passaram a indagar como será a reacomodação política em Brasília, quais serão os novos interlocutores, como ficará a votação das reformas.

Para o presidente do Banco Safra, Carlos Alberto Vieira, a morte dos dois políticos mais representativos do governo poderá dificultar a articulação política. Se o governo ti-

ver dificuldade em fazer passar as reformas e dar continuidade ao programa de privatizações no futuro, isso terá impacto negativo nas bolsas de valores e em outros mercados financeiros. Ele acredita que o governo encontrará nomes à altura para assumir o trabalho de Motta e de Luís Eduardo. A escolha de Luiz Carlos Mendonça de Barros para dar andamento à privatização do Sistema Telebrás é um exemplo disso, observou.

Para a analista da área de Mercados Emergentes do Banco BBA, Paula Moreno, apesar das incertezas, os investidores estrangeiros esperam para ver como o governo vai preencher esse vácuo político no curto prazo. O efeito sobre o mercado da dívida brasileira vai depender dos futuros desdobramentos. Um bom teste será na próxima semana, quando está prevista a votação da reforma da Previdência, dizem os especialistas. No momen-

to, segundo Paula, o que mais preocupa os investidores externos que negociam papéis da dívida de países emergentes é a Rússia, que escolhe esta semana o primeiro-ministro, e o Japão, que está às voltas com um

pacote fiscal.

A perda das duas figuras pode ter impacto no mercado de dívida externa brasileira, mas por hora o que se nota são movimentos especulativos, diz o diretor de Mercado de Capitais Internacionais do ABN Amro, Fernando Ribeiro. Se houvesse algum lançamento de título programado para ontem no mercado externo, deveria ser adiado, diz, pois o custo para o emissor seria mais alto. Ontem, o custo de emissão dos papéis brasileiros era de 4,44% além da taxa do Tesouro Americano, ante 4,38% na semana passada.



Bovespa: profissionais do mercado têm dúvidas sobre a reorganização política do governo e o futuro das reformas

**INVESTIDORES
ESTRANGEIROS
FICARAM FORA
DOS PREGÕES**